

SHEA ERNSHAW

A
MALDIÇÃO
DO MAR

Tradução de

Octávia Alves

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Ernshaw, Shea

E66m A maldição do mar [recurso eletrônico] / Shea Ernshaw; tradução
Octávia Alves. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera, 2021.
recurso digital

Tradução de: The wicked deep

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-259-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Alves, Octávia. II. Título.

21-68993

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Título original:

The wicked deep

Copyright © 2018 by Shea Ernshaw

Leitura sensível: Lethycia Santos Dias

Esta tradução foi publicada mediante acordo com a Simon Pulse, um selo da Simon & Schuster.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-259-0

Seja um leitor preferencial Record
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas
promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



*A meus pais, por encorajarem a minha imaginação
desvairada.*

“Se há magia neste planeta, ela está na água.”

— Loren Eiseley

O MAR

Em 1822, as três irmãs chegaram a Sparrow, no Óregon, a bordo de um navio de comércio de peles chamado *Lady Astor*. Naquele mesmo ano, o navio naufragou na baía além do cabo.

Estavam entre os primeiros habitantes que se estabeleceram na recém-fundada cidade costeira, e vagavam pelo novo mundo como pássaros de pernas longas, com cabelo caramelo ondulado e pele de alabastro. Elas eram bonitas — bonitas demais, o povo da cidade diria mais tarde. Marguerite, Aurora e Hazel se apaixonavam com frequência, e pelos homens errados; aqueles cujo coração já pertencia a outro alguém. Eram sedutoras, provocantes e, para os homens, impossíveis de resistir.

Mas o povo da cidade de Sparrow entendia que as irmãs eram muito mais do que isso. Eram bruxas, conjurando feitiços para tornar os homens infiéis.

Então, no fim de junho, quando a lua nada mais era que uma farpa no céu encoberto, amarraram pedras aos tornozelos das irmãs. Elas foram jogadas ao oceano. E, assim como o navio em que chegaram, afundaram e sumiram.

UM

Tenho uma velha fotografia, tirada na década de 1920, de uma mulher em um circo itinerante, submersa num imenso tanque de água: o cabelo loiro ondeando ao redor da cabeça, as pernas escondidas sob uma falsa cauda de sereia feita de tecido metálico e costurada de forma a insinuar escamas. Esguia e angelical, os lábios comprimidos, prendendo o fôlego em meio à água gelada. Vários homens estão parados em frente ao aquário, observando-a como se fosse real. Somos facilmente enganados pelo espetáculo, não é mesmo?

Eu me lembro dessa fotografia toda primavera, quando a cidade de Sparrow começa a ser tomada pelos boatos sobre as três irmãs que se afogaram além da boca do porto, depois da ilha Lumiere, onde moro com minha mãe. Consigo ver as três irmãs flutuando como fantasmas delicados nas sombras abaixo da superfície, inconstantes e preservadas, como a sereia do espetáculo. Dois séculos atrás, quando foram jogadas às profundezas, será que elas lutaram para ficar acima da superfície ou permitiram que o peso das pedras as arrastasse para o leito frio e rochoso do Pacífico?

Uma névoa matinal, sombria e úmida, desliza pela superfície do oceano entre a ilha Lumiere e a cidade de Sparrow. A água parece tranquila quando caminho pela doca. Começo a

desamarrar o esquife — um barco de fundo chato, com dois bancos e um motor de popa. Não é o ideal para enfrentar tempestades e vendavais, mas é perfeito para um pulo até a cidade. Otis e Olga, os gatos tigrados que apareceram misteriosamente na ilha há dois anos, me acompanham até a água, miando como se lamentassem minha partida. Saio todas as manhãs à mesma hora, atravessando a baía antes do sinal da primeira aula — economia global, uma matéria que jamais vou usar —, e toda manhã eles me seguem até a doca.

O fecho de luz intermitente do farol varre a ilha. Por um momento, passa por uma silhueta parada sobre o penhasco na rochosa margem ocidental. Minha mãe. Os braços dela estão cruzados à frente do velho suéter cor de camelo, justo no corpo frágil. Ela olha para o vasto Pacífico, como faz toda manhã, esperando alguém que nunca voltará. Meu pai.

Olga se esfrega em meu jeans, arqueando o lombo ossudo, erguendo a cauda e pedindo colo, mas não tenho tempo. Levanto o capuz de minha capa de chuva azul-marinho, cobrindo a cabeça, embarco e puxo a corda do motor até que volte à vida. Em seguida, manobro o esquife para o nevoeiro. Não consigo ver a costa ou a cidade de Sparrow através da névoa, mas sei que está lá.

* * *

Mastros altos e pontiagudos como espadas se erguem da água. São armadilhas, naufrágios de tempos passados. Quem não conhece o caminho tem grande chance de acertar o barco em um dos destroços que ainda assombram estas águas. Abaixo de mim, uma teia de cascos incrustados de cracas, elos de correntes enferrujadas

sobre proas em frangalhos, peixes hospedados em escotilhas apodrecidas, os cordames há muito corroídos pela água salgada. Um cemitério de navios. Como os pescadores locais, que singram a névoa sombria até o mar aberto, eu consigo navegar pela baía de olhos fechados. A água é fria e profunda aqui. Enormes navios costumavam trazer suprimentos até o porto, porém não mais. Agora apenas pequenos barcos de pesca e balsas de turistas aparecem. Os marinheiros dizem que estas águas ainda são assombradas — e eles estão certos.

O barco bate de encontro à lateral da doca 11, vaga 4, onde fica atracado enquanto estou na aula. A maioria dos jovens de 17 anos tem carteira de motorista e velhos carros enferrujados, comprados via internet ou herdados de irmãos mais velhos. Em vez disso, eu tenho um barco. E nenhuma vontade de ter um carro.

Ajeito no ombro a mochila de lona, pesada com os livros, e corro pelas ruas cinzentas e escorregadias até a escola secundária de Sparrow. A cidade de Sparrow foi fundada no encontro de dois cumes, espremida entre a montanha e o mar, o que torna deslizamentos de terra comuns aqui. Algum dia, talvez, ela será completamente arrastada. Empurrada para a água e enterrada sob 12 metros de chuva e lodo. Não existem cadeias de fast-food em Sparrow, nenhum shopping ou cinema, nenhuma Starbucks (embora tenhamos uma cafeteria). Nossa pequena cidade está protegida do mundo exterior, congelada no tempo. A população é de gritantes 2.024 habitantes. Mas esse número cresce todo ano no dia primeiro de junho, quando os turistas invadem a cidade e tomam conta de tudo.

Rose está parada no gramado na frente da escola, digitando no celular. O cabelo ruivo rebelde brota de sua cabeça em cachos indisciplinados, que ela odeia. Mas sempre invejei o modo como seus fios vigorosos não aceitam ser domados, amarrados ou presos, ao passo que meu cabelo liso e castanho não pode ser coagido em nenhuma configuração alegre ou com algum balanço... e eu tentei. Mas cabelo escorrido é apenas cabelo escorrido.

— Você não vai me dar um perdido esta noite, vai? — pergunta ela ao me ver, arqueando as sobrancelhas.

Ela guarda o celular na sacola de livros outrora branca, mas agora desenhada com caneta permanente e marcadores coloridos, em uma colagem de azul-noturno, verde-floresta e rosa-chiclete; um grafite policromático que não poupou nenhum espaço. Rose quer ser uma artista... Não. Rose *é* uma artista. Está determinada a se mudar para Seattle e cursar o Instituto de Arte quando nos formarmos. E quase toda semana ela me lembra de que não quer ir sozinha, então devo acompanhá-la e ser sua colega de quarto. Compromisso que evitei assumir desde o nono ano.

Não é que eu não queira fugir desta cidade chuvosa e horrível. Eu *quero*. Mas me sinto presa. O peso da responsabilidade cai sobre mim como um manto. Não posso deixar minha mãe sozinha na ilha. Sou tudo o que lhe resta; a única coisa que ainda a prende à realidade. E talvez seja tolice (ingenuidade até), mas também alimento a esperança de que meu pai volte um dia. Em meus devaneios, ele aparece na doca, como num passe de mágica, e caminha até a casa, como se o tempo não tivesse passado. Eu preciso estar aqui caso ele o faça.

No entanto, conforme o segundo ano do ensino médio chega ao fim e o terceiro se aproxima, sou forçada a analisar a realidade

de que meu futuro pode estar aqui em Sparrow. Talvez eu nunca saia deste lugar. Posso ficar presa aqui.

Vou continuar na ilha, lendo a sorte nas folhas de chá servido em xícaras de porcelana branca, como minha mãe costumava fazer antes de meu pai sumir e nunca mais voltar. Os locais conduziam suas embarcações pela enseada, às vezes em segredo, sob uma lua fantasma, às vezes no meio do dia, porque tinham uma pergunta urgente que precisava de resposta. Eles se sentavam em nossa cozinha, tamborilando no tampo da mesa de madeira, esperando que minha mãe lhes revelasse seu destino. Mais tarde, antes de partir, deixavam notas dobradas ou amassadas ou esticadas na mesa. Minha mãe enfiava o dinheiro em uma lata de farinha guardada na prateleira ao lado do fogão. Talvez seja essa a vida que me espera: sentada à mesa da cozinha, o doce aroma do chá de camomila ou lavanda e flor de laranjeira preso ao cabelo, correndo os dedos pela borda da caneca e encontrando mensagens no caos das folhas.

Vislumbrei meu futuro naquelas folhas muitas vezes: um garoto soprado do mar, naufragado na ilha. Seu coração batendo selvagem no peito, a pele feita de areia e vento. E meu coração incapaz de resistir. É o mesmo futuro que vi em cada xícara de chá desde os 5 anos, quando minha mãe me ensinou a decifrar as folhas. *Seu destino descansa no fundo de uma xícara de chá*, havia sussurrado ela, com frequência, antes de me mandar para a cama. E a ideia desse futuro se agita dentro de mim sempre que penso em deixar Sparrow, como se a ilha me atraísse de volta, meu destino enraizado aqui.

— Não vou “dar um perdido”, considerando que eu nunca disse que iria — respondo a Rose.

— Não vou deixar que perca outra festa Swan. — Ela inclina o quadril para o lado, enganchando o polegar direito na alça da sacola. — Ano passado, Hannah Potts colou em mim até o amanhecer. Não quero repetir a dose.

— Vou pensar no assunto.

A festa Swan sempre teve dupla finalidade: marca o início da temporada Swan e também a festa do fim de ano escolar. Uma celebração regada a álcool, um bizarro misto de excitação pelo fim das aulas e o pavor iminente da temporada Swan. Em geral, as pessoas ficam megachapadas e ninguém se lembra de nada.

— Nada de pensar! Apenas vá. Quando você pensa demais nas coisas, acaba desistindo.

Ela tem razão. Eu gostaria de querer ir. Gostaria de me importar com festas na praia. Mas nunca me senti confortável em situações assim. Sou a garota que mora na ilha Lumiere, cuja mãe enlouqueceu e o pai sumiu, que nunca sai depois da aula, que prefere passar as tardes lendo tabelas de maré e observando barcos no porto em vez de encher a cara com desconhecidos.

— Se não quiser, você nem precisa se fantasiar — acrescenta ela.

Vestir uma fantasia nunca foi uma opção. Ao contrário da maioria dos cidadãos de Sparrow, que mantêm um traje do início dos anos 1800 de prontidão no fundo do armário para a festa Swan, eu não tenho uma fantasia.

O sinal da primeira aula toca, e seguimos a procissão de alunos pela porta de entrada principal. O cheiro do corredor é uma mistura de cera e madeira podre. As janelas, de folha única e mal vedadas, chacoalham a tarde inteira com o vento. As luminárias piscam e zumbem. Nenhum dos armários fecha direito por causa

de um desnível no alicerce. Se eu conhecesse outra cidade, outra escola, talvez achasse esse lugar deprimente. Em vez disso, a chuva que se infiltra pelo telhado e que pinga nas carteiras e nos pisos dos corredores durante as tempestades de inverno parece familiar. É como um lar para mim.

Rose e eu não assistimos às primeiras aulas juntas, então caminhamos até o fim do corredor A e paramos ao lado do banheiro feminino, antes de nos separarmos.

— Só não sei o que falar para minha mãe — admito, descascando o restante do esmalte Blueberry Blitz do polegar esquerdo.

Rose me obrigou a passar essa cor durante uma de nossas noites de cinema em sua casa, há duas semanas... Foi a noite em que ela decidiu que, para se enquadrar em um curso sério de arte em Seattle, precisava assistir aos clássicos de Alfred Hitchcock. Como se filmes assustadores em preto e branco de algum modo pudessem sagrá-la uma artista *séria*.

— Fala que vai numa festa, ué! Conta pra ela que você tem uma vida. Ou apenas fuja. Provavelmente, ela nem vai perceber que você saiu.

Mordo o lábio e paro de cutucar a unha. Deixar minha mãe sozinha, mesmo por uma noite, é algo que me deixa apreensiva. E se ela acordar de madrugada e perceber que não estou mais em minha cama? Acharia que eu fugi, como meu pai? Sairia à minha procura? Faria algo impulsivo e estúpido?

— Seja como for, ela está presa naquela ilha — completa Rose. — Para onde iria? Não é como se ela fosse se jogar no oceano. — Ela hesita, e nós nos encaramos. Ela se jogar no oceano é precisamente meu medo. — O que estou querendo dizer é que

nada vai acontecer se você a deixar por *uma* noite. E você vai estar de volta logo após o amanhecer.

Olho para o outro lado do corredor, para a porta da sala de minha aula do primeiro tempo, economia global, onde quase todo mundo já está em seus lugares. O Sr. Gratton, parado ao lado de sua mesa, batuca com a caneta em uma pilha de papéis, esperando o último sinal tocar.

— Por favor — implora Rose. — É a noite mais importante do ano, e não quero ser a derrotada que vai sozinha novamente.

Um leve sibilar acompanha a palavra “sozinha”. Quando Rose era mais nova, sofria de sigmatismo. Todos os seus Ss soavam como Xs. Na escola primária, as crianças costumavam ridicularizá-la toda vez que um professor pedia que lesse em voz alta na frente da classe.

Depois de visitas regulares a um fonoaudiólogo em Newport, três vezes por semana durante o primeiro ano do ensino médio, ela saiu do casulo e abriu as asas. Minha melhor amiga, sibilante e desajeitada, tinha renascido: confiante e destemida. Muito embora sua aparência não tenha, de fato, mudado, ela agora brilhava como uma bela espécie exótica que eu não reconhecia, enquanto eu permanecia a mesma. Tenho a impressão de que, algum dia, não vamos saber dizer *por que* somos amigas. Ela vai voar para longe, como um pássaro de cores vivas que esteve preso na parte errada do mundo, e ficarei para trás: penas cinzentas, pesada e sem asas.

— Tudo bem — respondo, sabendo que, se eu perder outra festa Swan, ela pode me deserdar como sua única amiga.

Rose abre um enorme sorriso.

— Graças a Deus. Pensei que teria que sequestrá-la e arrastá-la até aqui. — Ela ajeita a alça da sacola no ombro. — Vejo você

depois da aula — diz, e dispara pelo corredor assim que o último sinal toca pelos alto-falantes de metal no teto.

Hoje temos apenas meio-período: primeiro e segundo tempos, porque é o último dia de aula antes das férias de verão. Amanhã é primeiro de junho. Apesar de a maioria das escolas não começar o recesso de verão tão cedo, a cidade de Sparrow iniciou a contagem regressiva há meses. Cartazes anunciando festivais em homenagem às irmãs Swan já tinham sido pendurados e espalhados pela praça da cidade e sobre vitrines de lojas.

A temporada de turistas começa amanhã. Com ela, uma onda de forasteiros e a abertura da sinistra e mortal tradição que assola Sparrow desde 1823 — desde que as três irmãs Swan se afogaram em nosso porto. A festa de hoje à noite marca o início da temporada que vai trazer muito mais do que apenas o dinheiro dos turistas; vai trazer lendas, especulações e dúvidas quanto à história da cidade.

E, como sempre, todo ano e sem falta, também vai trazer morte.

UMA CANÇÃO

Começa com um suave canto murmurado na maré, um som tão tênue que pode ser apenas o vento soprando pelas persianas de madeira, pelas escotilhas dos barcos de pesca ancorados, ao longo das fendas estreitas de portas destrancadas. Mas, depois da primeira noite, a harmonia de vozes se torna inegável. Um hino encantado, singrando pela superfície da água, frio e delicado e sedutor. As irmãs Swan despertaram.